

Revista *Argentina*: peronismo, cultura e a tradição liberal-democrática argentina (1949-1950)

Paulo Renato da Silva*

Resumo:

A revista *Argentina* foi publicada pelo Ministério da Educação argentino entre 1949 e 1950, durante a gestão de Oscar Ivanissevich. A revista foi uma das iniciativas da política cultural do governo do presidente Juan Domingo Perón (1946-1955). O objetivo de *Argentina* era criar uma “cultura peronista do cotidiano”. No entanto, as páginas da revista indicam problemas enfrentados pelo governo na implantação de sua política cultural. Entre outros pontos, destacam-se a necessidade de se apropriar da tradição liberal-democrática argentina e as divergências quanto ao nacionalismo e ao catolicismo, pilares do discurso cultural do governo Perón.

Palavras-chave: peronismo; política cultural; setores populares.

Abstract:

The *Argentina* magazine was published by Argentina Ministry of Education between 1949 and 1950, under the leadership of Oscar Ivanissevich. The magazine was an initiative of the government’s cultural policy of the President Juan Domingo Perón (1946-1955). The *Argentina’s* goal was to originate a “popular peronist culture of everyday life”. However, the magazine’s pages indicate that Peronism had troubles to implement its cultural policy. Among other things, the requirement of dialogue with the liberal-democratic tradition and differences concerning nationalism and Catholicism.

Keywords: Peronism; cultural policy; popular sectors.

* Bacharel e Licenciado em História pela UNICAMP (2002), Mestre (2004) e Doutor (2009) pela mesma universidade. Desde 2008, Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Porto Nacional. Email: pauloparesi@yahoo.com.br.

De “trabalhadores” a “setores populares urbanos”: a historiografia sobre o peronismo

Entre as décadas de 1960 e 1980, a historiografia sobre os dois primeiros mandatos presidenciais de Juan Domingo Perón (1946-1955) priorizou questões referentes à organização política dos trabalhadores argentinos a níveis partidário e sindical. Trabalhos como os de Gino Germani, de Miguel Murmis e Juan Carlos Portantiero, e de Daniel James, entre inúmeros outros, mostram o predomínio dessas questões nos principais estudos sobre o peronismo.

Apesar das diferenças entre os autores, desde o começo a historiografia ressalta que o governo de Perón não controlou o movimento operário em sua totalidade. Germani destacou que o peronismo não foi sustentado pelos imigrantes europeus, há mais tempo em Buenos Aires e mais experientes no movimento operário que os migrantes internos, os quais, segundo o autor, formaram a principal base social de Perón. Miguel Murmis e Juan Carlos Portantiero defenderam que o reformismo peronista já era uma tendência do movimento operário argentino desde o início da década de 1930. Assim, em vez de *manipulação*, como defende Germani, destacaram que houve uma *aliança* de classes nas *origens* do peronismo. Em outras palavras, conferem autonomia ao movimento operário na adesão ao peronismo. Daniel James, influenciado pela História Social Inglesa, destacou-se por apontar as resistências dos trabalhadores ao peronismo, inclusive daqueles que compunham a sua base social. Entre outros pontos, o autor destaca a dificuldade das lideranças sindicais em controlar a “violência” das bases e em fazê-las aceitar planos de aumento da produtividade.

Ainda que destaquem essas fissuras, os autores são unânimes em dividir a história do movimento operário argentino em antes e depois do peronismo. O controle do governo de Perón teria predominado sobre os desvios dos trabalhadores.¹ Daniel James, no título de seu livro mais conhecido sobre o

¹ Na conclusão de *Estudos sobre as origens do peronismo*, Murmis e Portantiero defendem que a autonomia dos trabalhadores não se manteve com a consolidação de Perón. “Não haveria, nesse sentido, uma dissolução da autonomia em favor da heteronomia operária, no momento

assunto – *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina (1946-1976)* –, já antecipa que a relação dos trabalhadores com o peronismo foi marcada por resistências, mas também pela integração:

El Estado peronista tuvo sin duda alguna considerable éxito en el control de la clase trabajadora, tanto social como políticamente, y si bien el conflicto de clases no fue en modo alguno abolido, así como no se cumplió el idilio de armonía social retratado por la propaganda oficial, las relaciones entre capital y trabajo por cierto mejoraron. La temida venganza del *sans-culotte* porteño, aparentemente presagiada por los tumultos sociales y políticos de 1945-46, no se materializó. Varias razones pueden proponerse para explicar ese éxito. Una fue la capacidad de la clase trabajadora para satisfacer sus aspiraciones materiales dentro de los parámetros ofrecidos por el Estado; otra, el prestigio personal de Perón. También es preciso tomar en consideración la habilidad del Estado y su aparato cultural, político e ideológico para promover e inculcar nociones de armonía e intereses comunes de las clases (JAMES, 2006: 52).

As relações entre o governo de Perón e o movimento operário argentino continuam chamando a atenção de pesquisadores. Porém, da década de 1990 em diante, é notável uma mudança quanto ao objeto que tem norteado os debates: especialistas têm destacado como a produção cultural também teve um lugar importante no projeto político peronista. Mais do que isso, é perceptível uma mudança de enfoque em curso: se por um lado o peronismo teria conseguido transformar a estrutura partidário-sindical do país, no plano cultural não teria alcançado o mesmo êxito.

Tal mudança quanto ao objeto não representa necessariamente o abandono da questão operária, mas procura aproximar as duas preocupações, busca pensar os trabalhadores inseridos nos debates culturais da época, muitos dos quais foram promovidos pelo próprio governo de Perón e aliados. Por isso, Leandro Gutiérrez e Luis Alberto Romero preferem empregar o termo “setores populares urbanos” em vez de “trabalhadores”, de sentido mais restrito na opinião dos autores:

inicial do peronismo na Argentina, mas, em todo caso, em uma etapa posterior.” (MURMIS; PORTANTIERO, 1973, p. 101).

(...) hoy, en el caso de las sociedades urbanas, los estudios sobre lo que Gramsci llamó las clases subalternas parecen no centrarse exclusivamente en los trabajadores industriales sino en un conjunto más amplio, genéricamente denominado sectores populares urbanos. Por otra parte, del estudio excluyente de lo laboral se ha pasado a un intento de integrar las distintas esferas de su vida; de su acción y conflictos como trabajadores, a través de las organizaciones sindicales, a todas las manifestaciones conflictivas de su existencia (GUTIÉRREZ; ROMERO, 2007: 27).²

O governo de Perón pretendia transformar amplamente a sociedade argentina, formar um “novo” homem a partir da promoção de valores morais, populares e nacionais a serem incorporados ao cotidiano. “Hay una conducta personal y una conducta peronista; *ambas* no son sino el cumplimiento diario y continuo en bien de la Patria, del Partido y de su Jefe.” (PERÓN, 1996: XXII-XXIII). Daí a preocupação do peronismo em controlar instituições educacionais e a produção cultural.

Michel de Certeau sintetiza que o objetivo de toda política cultural é transformar comportamentos. Assim, a análise da política e da produção cultural peronista possibilita ter acesso a uma dimensão conflitiva distinta daquela explorada pela historiografia no âmbito partidário-sindical.

Mariano Plotkin e Maria Helena Rolim Capelato destacam que a propaganda política e a produção cultural são instrumentos de controle social. No entanto, Plotkin considera que a preocupação demasiada do governo de Perón com a propaganda política e a produção cultural indica, justamente, a dificuldade de se alcançar um consenso, uma harmonia social. Capelato menciona que, durante o governo de Perón, por exemplo, os filmes e programas de rádio que reproduziam mensagens oficiais costumavam ter menor bilheteria e audiência.

O apoio à publicação de periódicos foi uma das principais características da política cultural de Perón e aliados. A revista *Argentina* foi um desses periódicos. A publicação desperta particular interesse por ter tido uma

² Vale lembrar que Perón e a primeira-dama Evita (1919-1952), quando se referiam aos “descamisados”, estavam se dirigindo não apenas aos trabalhadores, mas também às mulheres, aos idosos e às crianças.

circulação nacional e por ter sido destinada a um público amplo, não especializado e tampouco restrito aos setores populares. Assim, proporciona um panorama da complexidade da sociedade argentina do período e da dificuldade da política cultural do governo Perón em apreender esta complexidade. O mencionado por Plotkin e Capelato fica claro quando, na revista, o governo de Perón procura se apropriar da tradição liberal-democrática do país, apesar do presidente ter se fortalecido politicamente ao ligar-se a grupos antiliberais.³ Também notamos divergências quanto ao nacionalismo e à tradição hispânico-católica, dois pilares do discurso cultural do governo.

Essa complexidade crescente da sociedade argentina e, particularmente, da portenha, vinha de um processo de modernização que se acelerou já a partir da década de 1920. A imigração estrangeira, a industrialização, a urbanização e a migração interna tornaram menos precisos conceitos como nacional, popular e tradicional, centrais no discurso cultural de Perón e da primeira-dama Evita. Segundo Beatriz Sarlo, formou-se em Buenos Aires uma “cultura de mescla”, pois “(...) [em uma cultura de mescla] coexistem elementos defensivos y residuales junto a los programas renovadores (...). La mezcla es uno de los rasgos menos transitorios de la cultura argentina (...)” (SARLO, 1999: 33).

**Peronismo, tradição liberal-democrática argentina e comunismo:
*Argentina e a difusão de um “estilo de vida”.***

ESTA REVISTA, destinada a difundir nuestro estilo de vida, en el mundo de habla española, es editada por el gobierno argentino, pero de ninguna manera es una revista oficial. Se trata de un órgano de nuevo y antiguo tipo, que responde a la vez al moderno concepto de la prensa y al alto ejemplo que nos dieron los fundadores de la nacionalidad.

³ Perón pertenceu ao GOU (Grupo de Oficiais Unidos), formado por militares antiliberais, nacionalistas e anticomunistas. Em 1943, esses militares lideraram um golpe de Estado na Argentina. No governo de Edelmiro Farrell (1944-1946), terceiro presidente a assumir depois do golpe, Perón tornou-se vice-presidente, Ministro da Guerra e Secretário do Trabalho.

Cuando en 1810 comenzó a gobernar la Primera Junta se encontró con que ya existía en el país la prensa libre, de iniciativa privada, pero no vió en ella el instrumento suficiente para llevar adelante la Revolución de Mayo. Creó entonces la GAZETA DE BUENOS AYRES, como órgano de la revolución (IVANISSEVICH, janeiro de 1949: 2).

A revista *Argentina* foi publicada pelo Ministério da Educação argentino entre janeiro de 1949 e julho de 1950. O periódico teve dezoito números e se destacou pelo amplo formato e pela qualidade das suas edições, com destaque para o papel em que era impresso e por seu projeto gráfico ousado para a época. Isso repercutiu no preço, acima da média, e demonstra o esforço do governo Perón para ampliar a sua base social para além dos setores populares.⁴

O objetivo do governo de Perón em transformar amplamente a sociedade, em formar um “novo” homem, pode ser visto na variedade de assuntos tratados por *Argentina*, os quais abrangiam diferentes âmbitos sociais. A revista tratava desde História e Literatura até alimentação e moda, passando por questões referentes à linguagem, ao ensino e ao desenvolvimento tecnológico. Publicava inclusive piadas. Evidentemente, ainda tratava de assuntos políticos, enaltecia ações governamentais e criticava os opositores. A estrutura da revista sofreu pequenas mudanças nos números consultados e algumas de suas seções foram “Editoriales”, “Notas y Artículos”, “Las Investigaciones de Argentina”, “Cuentos”, “Poesías”, “Antología”, “Arte”, “Modas”, “Humorismo”, “Recetas Culinarias” e “Espigas de Argentina”, dentre outras.

Conforme destacado na epígrafe anteriormente citada, no editorial do primeiro número, escrito pelo Ministro da Educação Oscar Ivanissevich (1895-1976), a revista procurou se legitimar através de um paralelo com o periódico organizado por liberais para sustentar a Revolução de Maio. Segundo Ivanissevich, a revista faria parte de um esforço para se conquistar a “independência econômica e intelectual” da Argentina. Colaboraria, assim, para concluir a independência política conquistada pela Revolução de Maio.

⁴ Foram consultados os onze primeiros números, disponíveis na Biblioteca Nacional da Argentina.

A necessidade do governo em publicar uma revista decorreria da “liberdade sem responsabilidade” da imprensa guiada por “grandes capitais” (IVANISSEVICH, janeiro de 1949: 2). Foi notório o envolvimento de Ivanissevich na revista. O fim de *Argentina* está ligado, justamente, à sua saída do Ministério da Educação.

O governo não buscava legitimar suas iniciativas na esfera cultural apenas através de paralelos com a tradição liberal argentina, mas também ironizando os comunistas a respeito do que aconteceria na União Soviética. No número 5 de *Argentina*, correspondente a junho de 1949, J. M. Quiroga publica “Y ellos, ¿qué dirían?”. O autor destaca a comemoração do “Dia de la Prensa” na União Soviética, em 5 de maio. Quiroga menciona que L. F. Ilyichev, chefe do “Departamento de Propaganda y Agitación del Partido Comunista”, ressaltou cinco prioridades aos jornalistas, entre elas a “educação política do povo” e a defesa da cultura soviética contra a ameaça de “ideologias perniciosas e hostis”:

Solamente cabría preguntar: ¿Qué opinarían los comunistas de entre casa – los comunistas y los filocomunistas – si aquí se dispusiera una sola de las cinco medidas arriba transcriptas “para evitar a los lectores un insoportable odio a la vida y a la humanidad, adormeciendo la mente del público con el veneno del comunismo”, sea esto dicho utilizando casi los mismos términos de L. F. Ilyichev? (QUIROGA, 1949: 2).

A necessidade de se pautar em exemplos vindos do liberalismo e do comunismo decorreu da tensão que marcou o governo de Perón principalmente em seu início. Perón, conhecido por ser antiliberal e anticomunista, assumiu a presidência em um contexto no qual os liberais e comunistas gozavam de prestígio internacional por terem vencido o Eixo na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A apropriação de práticas liberais e comunistas sugere que a força desses dois grupos, durante o governo de Perón foi maior do que geralmente se pensa e representou um obstáculo para a formação de uma “cultura peronista do cotidiano”.

O contraponto entre uma imprensa “livre” e uma imprensa “responsável” presente no editorial do primeiro número foi recorrente na revista. No segundo número, lançado em fevereiro de 1949, Ivanissevich defende que a imprensa argentina não cumpria sua “função educativa” (IVANISSEVICH, fevereiro de 1949: 2). Um dos objetivos desse discurso era legitimar as intervenções do governo na imprensa.⁵ Isso foi evidenciado na revista por Hugo Wast em “Hay que cambiar nuestras costumbres literárias antes que una ley lo imponga”, texto no qual o escritor condena o espaço reduzido ocupado pelos escritores argentinos nas editoras e na imprensa “livre” do país (WAST, maio de 1949: 11-12).

Assim, de acordo com o governo, difundir o “estilo de vida”, os autores e os “valores argentinos” seria uma das “funções educativas” da imprensa. Nesse ponto, cabe frisar que o governo Perón tinha uma visão sobre o nacional convergente com a matriz hispânico-católica, presente desde a colonização.

O castelhano

A valorização e a preservação do castelhano se destacam em *Argentina* como um dos principais elementos do hispanismo defendido pela revista. No número 2, Avelino Herrero Mayor publica cinco notas sobre o assunto. Em uma

⁵ No número 8 de *Argentina*, de setembro de 1949, é publicado “El tercer informe sobre la prensa” de Juan Carlos Borges. O autor nega as denúncias sobre a falta de liberdade de imprensa na Argentina feitas no “Congreso Interamericano de Prensa”, realizado em Quito, no Equador, em julho. O presidente teria diminuído a importação de papel e passado a controlar sua distribuição para que todos os periódicos pudessem continuar sendo publicados e não apenas os grandes como *La Prensa* e *La Nación*, citados no texto. Vale lembrar que os dois jornais eram liberais e antiperonistas. O socialista *La Vanguardia*, por sua vez, não teria sido fechado por determinação do governo, mas por falta de recursos, já que não havia mais nenhum deputado socialista, o que, antes, teria garantido sua publicação graças à concessão de parte dos salários dos deputados ao periódico. De qualquer modo, é interessante observar como o texto indica a existência de um debate que percorria a opinião pública. A publicação desse informe em *Argentina* está relacionada, por exemplo, à cobertura do congresso no Equador pelo *La Prensa*, o que é inclusive mencionado pela revista do governo. Logo, o governo de Perón parece ter encontrado obstáculos para que a sua versão sobre a situação dos periódicos opositores fosse endossada amplamente pela sociedade argentina.

delas, “Los pueblos caen por su lengua...”, o autor cita que “corrupções e deformações” no castelhano acontecem em todos os países, inclusive na Espanha. Entretanto, referindo-se indiretamente à Argentina, considera que existe um perigo maior nos “países de crescimento heterogêneo”, vítimas do “babelismo”, ou seja, de uma imigração intensa. “La confusión de la lengua apareja la confusión de las almas.” (MAYOR, fevereiro de 1949: 12). A função dos escritores, poetas, gramáticos, das “pessoas de cultura” seria alertar sobre as “deformações” e corrigi-las. Em outra nota, “La muerte de ‘speaker’”, o autor comemora a inclusão da palavra “locutor” no dicionário da Academia Espanhola para conter o emprego do estrangeirismo “speaker”, vindo do inglês (MAYOR, fevereiro de 1949: 74).

O assunto é retomado no número seguinte de *Argentina*, publicado em março de 1949. Em “Salvemos las raíces de la nacionalidad”, Clodomiro del Campo é mais explícito do que Avelino Herrera Mayor e defende que a forte imigração no país representava um perigo para a nacionalidade, principalmente para a língua. Cita os letrados comerciais em idiomas estrangeiros e os nomes dos principais times de futebol da Argentina como exemplos disso:

¿Se quiere algo más *nuestro*, más *popular* que el fútbol? La misma palabra ha recibido ya carta de ciudadanía en nuestro idioma [refere-se a “football”], pero sus grandes cuadros siguen llamándose “River Plate”, “Racing” y “Boca Juniors”...!

¿No habrá llegado el momento de reaccionar contra esta total subversión de una fuerza que no debe morir?

El momento es propicio y posiblemente único en la historia de nuestra evolución política y social. No ignoramos, por cierto, que la patria debe al aporte extranjero, mucho de lo que es; pero no es menos cierto, que son *ellos* quienes deben adaptarse a *nosotros*, y no a la inversa [grifos meus]. (DEL CAMPO, 1949: 83).

No número 4, correspondente a maio de 1949, Delfina Bunge de Gálvez, pertencente a uma das famílias mais tradicionais do país e esposa do escritor nacionalista e peronista Manuel Gálvez, publica “Por qué, cuando comencé a escribir, lo hice en francés”. A escritora relaciona a formação em francês que teve a uma época passada, a uma questão geracional, pois, naquele momento,

caberia a “argentinização” da literatura nacional, agora ameaçada pelo fortalecimento do inglês no país.

Apesar da proposta nacionalista defendida pela escritora, cabe citar o reconhecimento dos estrangeiros e de sua cultura na formação da Argentina, a exemplo do que Clodomiro del Campo faz acima, ainda que um tanto contrariado. Delfina Bunge de Gálvez não minimiza a importância da cultura francesa. “(...) no reniego yo de la educación francesa recibida, que tantas buenas cosas nos dió. Fué el francés para nosotras como el latín para los “humanistas”.” (BUNGE DE GÁLVEZ, 1949: 9).⁶ Assim, além da citada força crescente do inglês no país, a “argentinização” da literatura nacional proposta pela escritora parecia encontrar como barreira uma expressiva herança cultural francesa.

Debates sobre o nacional

Ainda no número quatro são publicadas duas cartas atribuídas a leitores sobre o artigo de Clodomiro del Campo, veiculado no número anterior. As cartas eram publicadas na coluna *Espigas de Argentina*. Jacinto Quiles, de La Banda, concorda com o autor e defende que, em vez de Boca Juniors, “¿(...) no habría sido más lindo que se dijera Los Muchachos de la Boca?” (ESPIGAS DE ARGENTINA, maio de 1949: 78). A outra carta, de “un provinciano de Jujuy”, também concorda com Clodomiro del Campo, o que comprovaria a força do apelo nacionalista da revista entre os argentinos. Contudo, a mesma carta demonstra que esse apelo ecoava somente em *alguns* setores da sociedade argentina:

Lo que me indigna no son los letreros extranjeros en general, sino aquellos que son puestos por argentinos, que todavía creen equivocadamente que para ganar dinero necesitan presentarse como extranjeros.

⁶ Em “Orientemos la moda argentina”, de Eugenia de Chikofy, publicado no primeiro número de *Argentina*, observamos que os intentos nacionalistas do governo de Perón abrangiam inclusive as roupas. Contudo, o artigo reconhece a forte influência francesa sobre a moda argentina (CHIKOFY, 1949, p. 4).

Quando estive em Buenos Aires a última vez me entretive em azorar a algunos vendedores que me recomendaban ciertos artículos diciendo que eran importados. (...) (...) habían aprendido (...) que lo importado es lo mejor del mundo (...). (ESPIGAS DE ARGENTINA, maio de 1949: 78).

Além dos letreiros comerciais em outro idioma e do prestígio dos produtos importados, outro indício de resistência ao nacionalismo defendido pelo periódico já tinha aparecido no número três: Eleonora Pacheco, que publicou no primeiro número o artigo “¿Qué leen los niños argentinos?”, responde a diversas críticas feitas por um leitor. Pacheco transcreve passagens que seriam da carta do leitor: “(...) *no siento envidia como la siente usted por las cosas que otros autores ‘extranjeros’ escriben para los niños y leen los nuestros*” (ESPIGAS DE ARGENTINA, março de 1949: 85). O leitor ainda teria ironizado uma recomendação de Pacheco, segundo a qual, entre os estrangeiros, deveriam ser priorizados para as crianças argentinas os autores espanhóis:

A Ud. le parece que en pleno siglo XX le va a dar a leer a un niño casi un jovencito, Las Aventuras del Cid, o Las Aventuras del Quijote, no me haga sonreír señorita, con dos guerras vistas se puede decir desde el balcón de nuestra casa y guerrillas sin fin en otros lugares, invasiones, etc., con los vuelos del avión a chorro, carreras de automóviles, construcciones monumentales y toda la actividad y dinamismo de la vida moderna, Vd. pretende enclaustrar a los niños como si estuviéramos en la España de Torquemada. (ESPIGAS DE ARGENTINA, março de 1949: 85).

Pachecho refuta sentir inveja dos escritores estrangeiros não-hispânicos: “(...) hago precisamente el elogio de ciertos libros europeos para niños y termino diciendo: ‘*Esa es la técnica que debemos aprender, esos son libros que deben ser escritos para los niños argentinos*’.” (ESPIGAS DE ARGENTINA, março de 1949: 85). Novamente observamos na revista o reconhecimento da cultura estrangeira, no caso, especialmente, a anglo-saxônica. Pacheco menciona Dickens, Twain “e outros” como autores exemplares. Segundo Pacheco, ainda não havia muitos livros infantis escritos por argentinos em decorrência da pressão de editoras estrangeiras sobre as livrarias do país. Usa, assim, o mesmo argumento

dos “grandes capitais” utilizado para legitimar intervenções do governo de Perón na imprensa.

É interessante como a carta explicita uma disputa pelo conceito de nacional entre diferentes grupos políticos argentinos. Pacheco responde ao leitor: “Señor, por el tono general de su carta (...), deduzco que Ud. es de ideas liberales y antirreligiosas, de ahí su irritación ante mi posición tradicionalista y cristiana.” (ESPIGAS DE ARGENTINA, março de 1949: 86). Em outro trecho da resposta de Pacheco, a autora e o leitor divergem sobre qual dos dois seria mais argentino, evocando para isto a quantidade de antepassados nascidos no país e o “sentimento patriótico”. Também é interessante como a modernização em curso na Argentina, passível de ser apreendida principalmente na carta do leitor, deslocaria as fronteiras do nacional: em uma era de automóveis, aviões e guerras mundiais, *Las Aventuras del Cid* e *Las Aventuras del Quijote* não seriam mais adequados às crianças.

Na revista, ainda observamos tensões entre a política cultural nacionalista do governo de Perón e setores da sociedade argentina na sequência de artigos sobre literatura nacional escritos por Hugo Wast. Em “Grandeza y pobreza de los trabajadores intelectuales argentinos”, publicado no número dois, Wast condenou a presença da cultura estrangeira no país, a qual relacionou, entre outros pontos, ao ateísmo. Wast defendeu que o Estado deveria conceder uma proteção especial aos escritores argentinos “de verdade” (WAST, fevereiro de 1949: 11-12). Nesse ponto, percebemos um conceito de escritor argentino não como aquele simplesmente nascido no país, mas que representaria os “valores nacionais”. No número três, Wast menciona os limites encontrados pelo nacionalismo cultural defendido pelo governo de Perón e reconhece o “(...) afán extranjerista existente en gran parte de nuestra población (...)” (WAST, março de 1949: 11), ainda que, em parte, responsabilize por este afã os altos investimentos em propaganda feitos pelas editoras estrangeiras atuantes no país.

Para dar mais um exemplo das reações ao nacionalismo da revista, podemos mencionar a carta atribuída ao leitor Juan Torielli, da cidade de

Buenos Aires: o leitor teria escrito que algo “(...) muy notorio en ARGENTINA es la inquietud argentinista que la anima, aunque sinceramente me parece que abusan de lo argentino en cierto modo” (ESPIGAS DE ARGENTINA, maio de 1949: 77). A revista intitula a carta como *Un defecto del que estamos orgullosos*. Assim, havia divergências sobre o que representaria o nacional, mas também sobre o grau, a intensidade, a presença que o nacionalismo deveria ter em diferentes âmbitos da sociedade argentina.

O catolicismo

O catolicismo é bastante presente no discurso de Perón e Evita, não apenas por ser a religião da maioria dos argentinos, mas também porque era visto como um elemento que poderia fortalecer a união nacional. O discurso moral católico interessava ao governo, pois traria estabilidade às famílias e às demais relações sociais, como as existentes entre o capital e o trabalho. A ligação feita pelo governo entre o catolicismo e o nacional/nacionalismo pode ser notada a seguir, quando Evita se refere à esquerda:

Por que, – ao invés de atacar a Pátria e a Religião, – não tratavam os dirigentes do povo de alinhar essas forças morais a serviço da redenção desse mesmo povo?

Desconfiei de que aquela gente trabalhava antes pela debilitação das forças morais da nação, do que pelo bem-estar do operariado (PERÓN, s./d: 26).

Quanto ao catolicismo como um dos principais elementos do nacional, sua força chega a ser reivindicada em *Argentina* até mesmo através da psicanálise. Em “Más o menos mil palabras sobre Freud”, publicado no número dois da revista, Hugo M. de Achával considera que o freudismo representa um rompimento com o racionalismo valorizado pelos liberais. Assim, ainda que a obra de Freud não tivesse qualquer relação direta com o cristianismo, muito pelo contrário, comprovaria a força do oculto sobre a humanidade. “(...) al afirmar Freud *que somos más de lo que sabemos*, no decía ninguna falsedad.” (ACHÁVAL, 1949: 10).

No número três, *Argentina* abre espaço para o Congresso de Filosofia realizado na Universidade de Cuyo em 1949 com o apoio do governo de Perón. O encontro contou inclusive com a presença e uma conferência do presidente. Em “Hagamos un poco de Filosofía: a propósito del Primer Congreso Argentino de Filosofía”, Domingo Galati demonstra um conceito de Filosofia como a busca *da* verdade, de uma verdade única, marcada por um cunho espiritual/religioso, o que teria sido desvirtuado pelo “individualismo subjetivista” legado pelo iluminismo/liberalismo:

El pensamiento – más ajustadamente, el intelectualismo – de occidente, arrastra consigo el pesado bagaje de tres siglos de errores; he ahí el motivo, por el cual los espíritus selectos sueñan con la insuperada y gloriosa cultura medioeval, con su unidad religiosa, social y política. (GALATI, março de 1949: 38).

Contudo, para o autor, mais problemático do que o “individualismo subjetivista” seria o “irracionalismo existencialista” de Sartre, para o qual a liberdade do indivíduo dependeria de sua negação como ser. Apesar da crítica a Sartre, se reconhece sua gradual ressonância no meio intelectual argentino. “La llamada filosofía de la crisis o *existencialismo*, va entrando – aunque con fuerte resistencia – en el pensamiento argentino.” (GALATI, março de 1949: 39).

No número quatro, já na segunda página, pode ser observada a relação entre a crítica a Sartre e a tradição hispânico-católica reivindicada pelo governo de Perón. Nesse número, Domingo Galatti destaca que o Santo Ofício tinha condenado Sartre, considerado ateu e imoral. O francês representaria um perigo para a sociedade, especialmente aos jovens, que poderiam cair no ceticismo e na “imoralidade total”. “Sartre (...) convierte a Dios en la nada, el ascetismo en inmortalidad y desenfreno, y la vida auténtica en libertad de hacer cada uno lo que le plazca (...).” (GALATTI, maio de 1949: 2). Galatti procura legitimar, assim, a proibição de *O muro*, de Sartre, na Argentina.

No número cinco, o Congresso de Filosofia volta a ser focado pelo periódico. Em “Filósofos de dos continentes son honrados por la universidad

argentina”, a realização do congresso é apresentada como um legado espiritual do país à humanidade naquele pós-Segunda Guerra Mundial. Desde o título é ressaltado o caráter universal do encontro, apesar do nacionalismo predominante no discurso peronista. Além disso, apesar da crítica ao existencialismo nos números anteriores de *Argentina*, o artigo destaca que, durante o congresso, foram levantados os “elementos válidos e assimiláveis” do existencialismo (E. D., 1949: 67).

Não é apenas a popularização de Sartre no meio intelectual argentino que nos permite apreender os limites do apelo católico durante o governo de Perón. Os limites desse apelo podem ser encontrados na revista em reportagens relacionadas ao cotidiano. No número 3 de *Argentina* encontramos a nota “Hostilidad contra las familias numerosas” de Luis Delmonte. O autor condena a postura de alguns taxistas portenhos que não transportariam famílias numerosas. “Un taxi, otro taxi, un tercer taxi, todos pasan de largo, mofándose de aquella madre ansiosa, que no ha cometido otro delito para merecer la descortesía, que el dar cuatro hijos a la patria [grifo meu].” (DELMONTE, 1949: 3).

No número quatro, é possível acompanhar a repercussão entre os leitores de um artigo a respeito do crescimento do uso da maconha na cidade de Buenos Aires. As cartas dos leitores que foram publicadas por *Argentina* deixam transparecer uma sociedade para a qual os vícios pareciam estar disseminados. Segundo o leitor Walter J. Modenesi, da capital argentina, “(...) si en un discurso se hace exposición demasiado detallada de lo malo, los escuchas prestarán mayor atención a ello, en busca del deleite...” (ESPIGAS DE ARGENTINA, maio de 1949: 77). Já outro leitor, Juan Barrionuevo, de Rio Cuarto, defende a abordagem do tema por *Argentina* e indica como a relação com o nacional e o catolicismo era marcada por concepções bastante particulares. “No hay cosa peor que el puritanismo y además el puritanismo no es cosa católica ni argentina...” (ESPIGAS DE ARGENTINA, maio de 1949: 77).

Vale lembrar que a recorrência do catolicismo no discurso do governo encontrou obstáculos não apenas na produção cultural do país e em práticas da sociedade, mas também gerou, sobretudo no segundo mandato, uma acirrada

Paulo Renato da Silva

disputa entre Estado e Igreja. O avanço do governo na área de assistência social, tradicionalmente exercida pela Igreja, a “peronização” de símbolos cristãos – como mostra a santificação de Eva Perón pela propaganda oficial – e a radicalização do discurso contra os opositores, entre outros pontos, fizeram com que a Igreja acabasse aglutinando o antiperonismo e fosse determinante na queda de Perón. Assim, apesar do catolicismo ter sido usado para o governo se legitimar, o papel da Igreja na queda de Perón reforça como este uso assumiu significados distintos na sociedade argentina.⁷

A tradição liberal-democrática argentina

Cabe desenvolver um pouco mais o espaço ocupado pela tradição liberal-democrática argentina no periódico. Destacamos como, no primeiro número, Oscar Ivanissevich legitima o surgimento de *Argentina* a partir da tradição liberal do país.

No número dois, é interessante como a publicação parece aproximar o liberalismo argentino do norte-americano. Na coluna *Nacieron en febrero*, San Martín e Sarmiento são lembrados ao lado de Washington e Lincoln. Depois da Segunda Guerra Mundial, por terem participado da vitória sobre o Eixo, os Estados Unidos consolidaram a imagem de país democrático e de defensor da democracia no mundo.

No número três é publicado “Sarmiento visita a Urquiza”, de Antonio P. Castro, no qual é recordado o convite do governador Urquiza a Sarmiento para que este visitasse a Província de Entre Ríos em 1869, o que foi aceito pelo então presidente. Marcado por um tom laudatório, o texto defende que o encontro consolidou a unidade nacional:

Y en un gesto tan suyo, espontáneo, como avergonzado de sus pensamientos anteriores, abrazó de nuevo a Urquiza, diciéndole la

⁷ Sobre as relações entre o governo de Perón e a Igreja: VERBITSKY, Horacio. *Cristo vence: La Iglesia en la Argentina. Un siglo de Historia Política (1884-1983)*. 1ª ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2007. 2 v.

célebre frase que la Historia ha recogido con unción: “Ahora sí que me creo presidente da la República, fuerte por el prestigio de la Ley y el poderoso concurso de los pueblos”, emocionado por el cordial y extraordinario recibimiento y por lo que sus ojos, azorados, venían en la selva entrerriana. (CASTRO, 1949: s./p.).⁸

O autor apresenta um Sarmiento que teria sabido reconhecer os gestos e valores de um antigo adversário. Trata-se de um recado claro aos grupos liberal-democráticos, que tanto reivindicavam Sarmiento na sua oposição a Perón. Conforme já citado, as tensões que marcaram a sociedade argentina durante a Segunda Guerra Mundial permaneceram com a eleição de Perón pelo seu passado ligado a grupos antiliberais. Caberia, agora, a conciliação nacional. O texto exemplifica a busca de consenso social pelo governo de Perón, busca apontada por Mariano Plotkin.

No número quatro é publicado “Sarmiento da una lección de periodismo”, assinado por H. N. O texto reproduz o último discurso presidencial de Sarmiento, em que, eentre outros pontos, foi feito um balanço de sua conturbada relação com a imprensa nacional. O texto traça um paralelo indireto entre Sarmiento e Perón. Sarmiento, apesar de ter visto “suas maiores iniciativas” serem sabotadas pela imprensa – a exemplo do que enfrentaria Perón –, teria sabido sobrepor-se a ela com “brio e eficácia”. O texto ironiza, inclusive, a unidade e a continuidade da tradição liberal-democrática argentina, procura desvincular Sarmiento desta tradição e ligar sua memória ao governo de Perón:

Hoy los herederos de ese mismo periodista y de esos mismos mercaderes, que se jactan de la unidad de su doctrina histórica, serían implacables perseguidores de cualquiera que se atreviera a decir sobre el Sarmiento de la historia argentina, la centésima parte de lo que sus padres o abuelos dijeron de aquel gran constructor de la patria. (H. N., 1949: 72).

⁸ O século XIX na Argentina foi marcado pelas guerras civis entre os unitários e os federalistas. Sarmiento era unitário e Urquiza era federalista.

Nos dois textos, o governo de Perón se apresenta como um continuador daqueles que garantiram a unidade nacional e consolidaram a paz interna. Para isso, é efetuado um esvaziamento da política nessa apropriação do passado nacional: Urquiza e Sarmiento teriam deixado para trás antigas divergências; Sarmiento não teria se abalado com as críticas feitas pela imprensa.

O governo de Perón e a tradição liberal-democrática argentina são comumente pensados em termos de oposição. Resumidamente, a historiografia defende que a tradição liberal-democrática entrou em crise na década de 1930. A eleição de Perón em 1946 e sua reeleição em 1951 confirmariam essa crise. Entretanto, as tentativas do governo de se apropriar de tal tradição indicam um quadro diferente, no qual parece ter havido uma disputa de forças menos desequilibrada que os especialistas geralmente destacam. Perón, apesar de dominar politicamente o país, não conseguiu – e talvez nem fosse possível – remover da sociedade argentina a tradição liberal-democrática, sobretudo naquele pós-guerra, daí a necessidade de se apropriar desta tradição.⁹ Tais tentativas de apropriação nos levam a pensar, ainda, na ressonância dos valores liberal-democráticos entre os setores populares, afinal, o peronismo se colocava como o autêntico representante destes setores. Cabe ir além das medidas sociais e trabalhistas quando se pensa no apoio dos setores populares ao peronismo.

Conclusão

A revista *Argentina* nos mostra como o nacionalismo foi um dos principais elementos da política cultural do governo Perón. Segundo o governo, a matriz hispânico-católica, legada pelos colonizadores espanhóis, era a principal essência da identidade nacional argentina. O governo usou *Argentina* – e outros periódicos – para difundir os “valores” relacionados a essa matriz. A difusão de tais valores pretendia unir o país e conter divisões de classe e de outras naturezas, além de

⁹ Sobre os liberais e demais opositores durante o governo de Perón: GARCÍA SEBASTIANI, Marcela. *Los antiperonistas en la Argentina peronista: radicales y socialistas en la política argentina entre 1943 y 1951*. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo, 2005.

legitimar Perón como um presidente que combateria o imperialismo em todas as suas manifestações, inclusive as culturais.

Entretanto, a análise da revista *Argentina* também indica que o apelo ao nacionalismo e à matriz hispânico-católica pelo governo de Perón encontrou resistências na sociedade argentina. É possível pensar, inclusive, que tais resistências existiram na própria base social do peronismo, considerando-se as reações contrárias de leitores a posições assumidas por *Argentina*.

Tendo em vista alcançar um consenso, uma harmonia social, o governo Perón parece ter buscado conciliar o apelo ao nacionalismo e à matriz hispânico-católica com uma tentativa de se apropriar, sobretudo, da tradição liberal-democrática argentina, o que resultou, por vezes, em posicionamentos ecléticos: na revista, ora o peronismo aparece como autêntico representante da matriz hispânico-católica, ora aparece como uma síntese do pensamento argentino.

As resistências ao discurso cultural do governo de Perón e sua tentativa de apropriação da tradição liberal-democrática argentina indicam, também, que sujeitos e grupos antiperonistas se organizaram e se mantiveram articulados no período, o que contraria a imagem ainda recorrente de que a Argentina, entre 1946 e 1955, esteve submetida à voz uníssona do presidente.

Para terminar, além da citada crítica ao texto de Eleonora Pacheco sobre literatura infantil, observamos que, já no primeiro número, a própria revista deixa entrever uma tensão entre a modernização em curso na Argentina e a política cultural do governo Perón. Em “Heredad del hombre de la pampa y de la huella”, de Eduardo S. Castilla, o pampa e o gaúcho aparecem como redutos privilegiados do legado espanhol aos argentinos. Observa-se uma tentativa de se negar as interferências do processo de modernização sobre esses dois “redutos da nacionalidade argentina”:

En la costumbre, en la aptitud y en su mentalidad, esos hombres nuestros, en esta época de las carreteras lisas, la televisión y los aviones a reacción, siguen constituyendo *el mismo argentino de*

Paulo Renato da Silva

siempre, dentro de la Argentina de siempre; esto es, en función de la historia, que por ser la vida misma, es esencialmente dinámica [grifo meu]. (CASTILLA, 1949: s./p.).

Apesar de ter tido uma política cultural, o governo de Perón parece não ter conseguido “difundir um estilo de vida”, parece não ter conseguido formar uma “cultura peronista do cotidiano”, como eram os propósitos de *Argentina*. Ao apelar à tradição, ao rural e ao popular, o governo Perón reivindicou “espaços mais simbólicos que reais”, para usar palavras de Beatriz Sarlo quando se refere aos conceitos de campo e cidade em meio ao processo de modernização vivido pela cidade de Buenos Aires – e pela Argentina – nas décadas de 1920 e 1930.

Bibliografia

- ACHÁVAL, H. M. de. “Más o menos mil palabras sobre Freud”. *Argentina*, Buenos Aires, nº 2, fevereiro de 1949.
- BORGES, Juan Carlos. “El tercer informe sobre la prensa”. *Argentina*, Buenos Aires, nº 8, setembro de 1949.
- BUNGE DE GÁLVEZ, D. “Por qué, cuando comencé a escribir, lo hice en francés”. *Argentina*, Buenos Aires, nº 4, maio de 1949.
- CAPELATO, M. H. R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.
- CASTILLA, E. S. “Hereditad del hombre de la pampa y de la huella”. *Argentina*, Buenos Aires, nº 1, janeiro de 1949.
- CASTRO, A. P. “Sarmiento visita a Urquiza”. *Argentina*, Buenos Aires, nº 3, março de 1949.
- CERTEAU, M. de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 2003.
- CHIKOFY, E. “Orientemos la moda argentina”. *Argentina*, Buenos Aires, nº 1, janeiro de 1949.
- CIRIA, A. *Política y cultura popular: la Argentina peronista (1946-1955)*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1983.

- DEL CAMPO, C. "Salvemos las raíces de la nacionalidad". *Argentina*, Buenos Aires, nº 3, março de 1949.
- DELMONTE, L. "Hostilidad contra las familias numerosas". *Argentina*, Buenos Aires, nº 3, março de 1949.
- E. D. "Filósofos de dos continentes son honrados por la universidad argentina". *Argentina*, Buenos Aires, nº 5, junho de 1949.
- Espigas de Argentina. *Argentina*, Buenos Aires, nº 2, fevereiro de 1949.
- Espigas de Argentina. *Argentina*, Buenos Aires, nº 3, março de 1949.
- Espigas de Argentina. *Argentina*, Buenos Aires, nº 4, maio de 1949.
- GALATTI, D. "El Santo Oficio condena a Sartre. *Argentina*, Buenos Aires, nº 4, maio de 1949.
- _____. "Hagamos un poco de Filosofía: a propósito del Primer Congreso Argentino de Filosofía". *Argentina*, Buenos Aires, nº 3, março de 1949.
- GARCÍA SEBASTIANI, Marcela. *Los antiperonistas en la Argentina peronista: radicales y socialistas en la política argentina entre 1943 y 1951*. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo, 2005.
- GERMANI, G. *Política y sociedad en una época de transición: de la sociedad tradicional ala sociedad de masas*. Buenos Aires: Paidós, 1962.
- GUTIÉRREZ, L.; ROMERO, L. A. *Sectores populares, cultura y política: Buenos Aires en la entreguerra*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- H. N. Sarmiento da una lección de periodismo. *Argentina*, Buenos Aires, nº 4, maio de 1949.
- IVANISSEVICH, O. "Argentina". *Argentina*, Buenos Aires, nº 1, janeiro de 1949.
- _____. Función educativa de la prensa. *Argentina*, Buenos Aires, nº 2, fevereiro de 1949.
- JAMES, D. *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina (1946-1976)*. Buenos Aires: Sudamericana, 1990.
- MAYOR, A. H. "La muerte de 'speaker'". *Argentina*, Buenos Aires, nº 2, fevereiro de 1949.
- _____. "Los pueblos caen por su lengua..." *Argentina*, Buenos Aires, nº 2, fevereiro de 1949.

Paulo Renato da Silva

- MURMIS, M.; PORTANTIERO, J. C. *Estudios sobre as origens do peronismo*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- PERÓN, E. *A razão de minha vida*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos. _____ . *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*. Buenos Aires: C. S. Ediciones, 1996.
- PLOTKIN, M. *Mañana es San Perón: propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-55)*. Buenos Aires: Ariel, 1993.
- QUIROGA, J. M. "Y ellos, ¿qué dirían?" *Argentina*, Buenos Aires, nº 5, junho de 1949.
- SARLO, B. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.
- VERBITSKY, Horacio. *Cristo vence: La Iglesia en la Argentina. Un siglo de Historia Política (1884-1983)*. 1ª ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2007. 2 v.
- WAST, H. Grandeza y pobreza de los trabajadores intelectuales argentinos. *Argentina*, Buenos Aires, nº 2, fevereiro de 1949.
- WAST, H. "Hay que cambiar nuestras costumbres literárias antes que una ley lo imponga". *Argentina*, Buenos Aires, nº 4, maio de 1949.
- _____. "Todo escritor debe poder ganarse la vida con la pluma". *Argentina*, Buenos Aires, nº 3, março de 1949.